

ESPAÇO: DA EVOLUÇÃO DO PENSAMENTO À LÓGICA DE REPRODUÇÃO³¹

Gustavo Henrique Mendonça - geografia.gustavo@yahoo.com.br
Valtemira de Fátima Gomes Beraldo – valtemira.geografia@yahoo.com.br³²

RESUMO:

Este artigo discorre sobre a evolução do pensamento e a produção do espaço nas correntes do pensamento geográfico, apontando ela como chave e que embasa a formação das demais categorias. Centralizando a discussão no espaço como totalidade e sua produção e (re) produção.

PALAVRAS-CHAVE: Espaço geográfico. Sociedade. Totalidade.

EVOLUÇÃO DO ESPAÇO NAS CORRENTES DA GEOGRAFIA

A geografia tradicional comandou o período de 1870 a 1950 com grande influência sobre o pensamento da época. O espaço não ocupava lugar de destaque dentro desta corrente e era percebido pela apropriação de um grupo de pessoas que o utilizava em suas atividades. Mesmo diante da negligência ao espaço na geografia tradicional ele se faz presente nas obras de Ratzel como base necessária para a vida do homem desenvolver suas atividades naturais, sociais. Hartshorne, também destaca o espaço absoluto como sendo onde os fenômenos se organizam, estes espaços são únicos pela combinação dos fenômenos naturais e sociais.

Na geografia teórico-quantitativa o espaço torna-se conceito-chave (é considerado como uma planície isotrópica e de outro sua representação matricial). O espaço se torna homogêneo em suas características naturais e humanas e a partir daí através dos mecanismos econômicos vão ocorrer a diferenciação das áreas construindo distâncias entre a homogeneização e as diferenciações do espaço. O resultado é um espaço relativo, onde se tem relações entre os objetos e o espaço, é dimensionado pelo valor e função que realiza.

³¹ Este artigo foi desenvolvido em conjunto pelos alunos do 3º ano da Graduação em Geografia da UEG como exigência curricular da disciplina: Metodologia de Pesquisa em Geografia I.

³² Acadêmicos do 3º ano do Curso de Geografia pela Universidade Estadual de Goiás – Unidade Universitária de Ciências Socioeconômicas e Humanas – Anápolis – GO.

O ponto de partida da geografia crítica em relação ao espaço é uma preocupação com as categorias de análise do espaço geográfico, pois este é o conceito que precisa de uma definição, para a fixação e desenvolvimento de um pensamento, onde se tenha uma fundamentação e um amadurecimento epistemológico que atenda as demandas em que se firma essa ciência no mundo. Ao identificar o espaço nas obras de Max, este conceito vai ter maior relevância entre os geógrafos neomarxista. A busca para se entender o espaço diante das modificações e contradições que ocorria devido à crise do capitalismo e forma de organização que ele induzia levou muitos autores como Soja, Hadjimichalis e Lefebvre a colocar em discussão em suas obras que o espaço é lugar e meio para a reprodução das relações de produção.

Esta concepção de espaço marca profundamente os geógrafos que, a partir da década de 1970, adotaram o materialismo histórico e dialético como paradigma. O espaço é concebido como lócus da reprodução das relações sociais de produção, isto é, reprodução da sociedade. (CORRÊA, 2003, p. 26)

A colocação e exposição da categoria lugar, na produção e (re) produção do espaço como lócus da evolução histórica e espaço-temporal do homem, vêm a viabilizar a espacialização e percepção na forma concreta e abstrata das relações sociais. “O lugar, por sua vez, oferece ao movimento do mundo, a possibilidade de realização concreta” (FANI *apud* SANTOS, 2011, p. 82.). Portanto, pensar o espaço enquanto realizações concretas e claramente colocadas é uma forma de leitura permitida na Geografia que promulgará um crescimento e firmamento da ciência.

Milton Santos que também bebeu da mesma fonte ideológica e que teve em suas análises várias continuações das ideias de Lefebvre, sobrepôs sua contribuição ao apresentar que o espaço não pode ser analisado separado da sociedade, para se entender a formação sócio-espacial os dois elementos devem ser analisados juntos. (CÔRREA, 2003, p. 26)

O mérito do conceito de formação sócio-espacial, ou simplesmente formação espacial, reside no fato de se explicar teoricamente que uma sociedade só se torna concreta através de seu espaço, do espaço que ela produz e, por outro lado, o espaço só é inteligível através da sociedade.

Segundo Côrrea *apud* Santos (2003) o espaço para ser entendido deve considerar de forma dialética suas categorias de análises que são: estrutura, processo, função e forma. Essas categorias permitem compreender a formação espacial enquanto lógica da produção capitalista e de interação social, e como a disposição destes fatores permitem uma abordagem integradora e sobreposta das

formações dispostas no espaço encontradas na atualidade e percebida enquanto leitura de uma visão sistemática dos fatos.

A forma seria o que enxergamos no objeto sem o separa-lo do resto, e função, aquilo que ele pratica não sendo possível analisá-los separadamente, sendo que estes estão inseridos em uma estrutura social e econômica que está sempre em processo de modificação.

Dentro da geografia humanista o espaço adquiriu uma percepção de espaço vivido, sendo este carregado de simbolismo, sentimentos e experiências.

O espaço vivido é uma experiência continua egocêntrica e social, um espaço de movimento e um espaço-tempo vivido... (que)... se refere ao afetivo, o mágico, ao imaginário” (CORREIA apud HOLZER, 1992, p. 440).

O homem vem através de suas ações organiza, transforma e constrói o espaço de acordo com as bases sociais, econômicas, políticas e religiosas de cada sociedade, e devido a sua necessidade, ocorre então a sua (re) produção, com esses elementos acima citados, e seu reordenando criando uma série de novos fatores que vão sendo apropriados e ganham um novo caráter de função dentro da sociedade. Segunda Côrrea, (2003, p. 35):

As práticas espaciais são ações que contribuem para garantir os diversos projetos. São meios efetivos através dos quais objetiva-se a gestão do território, Isto é, a administração e o controle da organização espacial em sua existência e reprodução.

E veem a afirmar também que o homem ao realizar as práticas sociais as faz segundo a seletividade, fragmentação-remembramento do espaço, antecipação espacial, marginalização espacial e reprodução da região produtora, onde se nota o que?

Ao realizar estas ações o homem as faz segundo seus objetivos não sendo, portanto aleatórias, mas na verdade devidamente selecionadas. A fragmentação e o lembramento são as formas encontradas para exercer o poder e influências sobre o espaço e para isso muitas das vezes o homem se antecipa em determinadas ações e escolhas para que no futuro venha se servir delas. O espaço se modifica com o tempo e uma determinada área pode não ser sempre a mais importante ou sempre marginalizada, pois pode haver uma inversão das funcionalidades e conseqüentemente a valorização de uma e desvalorização de outra porção do espaço. Para que o espaço continue este

processo de produção é promovida a reprodução das condições de produção e para isso se faz planejamentos e cria caminhos para que sempre haja fontes para continuar a produção do espaço.

ESPAÇO GEOGRÁFICO E SUA PRODUÇÃO

O espaço geográfico corresponde a uma lógica de espaço enquanto totalidade, Santos (2006, p.74) afirma:

Segundo essa ideia, todas as coisas presentes no Universo formam uma unidade. Cada coisa nada mais é que parte da unidade, do todo, mas a totalidade não é simples soma das partes. As partes que formam a Totalidade não bastam para explicá-la. Ao contrário, é a Totalidade que explica as partes.

Partindo desta ideia, percebemos que o todo compreende numa fração maior, que se forma a partir das partes e, portanto, é seguindo a lógica que a formação espacial se configura nas partes, e que este espaço compreendido como todo é produzido pelo homem nas suas relações em sociedade.

O espaço ganha um caráter de localidade de realizações humanas nas quais estão às afinidades entre os homens, e desses com a natureza. O espaço geográfico é passível de modificações e transformações onde o homem apropria-se de seus elementos naturais, tais como relevo, vegetação clima, e tudo que nele está fixado.

Assim, o espaço organizado é também uma forma resultante da interação de diferentes variáveis. Para Santos, (1978), o espaço social corresponde ao espaço humano, lugar de vida e trabalho: morada do homem, sem definições fixas. O espaço geográfico é organizado pelo homem vivendo em sociedade e, cada sociedade, historicamente, produz seu espaço como lugar de sua própria reprodução.

O espaço, uno e múltiplo, por suas diversas parcelas, e através do seu uso, é um conjunto de mercadorias, cujo valor individual é função do valor que a sociedade, em um dado momento, atribui a cada pedaço de matéria, isto é, cada fração da paisagem. (SANTOS, 1978, p. 67).

Em sua fase inicial, o espaço geográfico natural, apresentava somente os aspectos físicos ou naturais presentes, como rios, lagos montanhas, mares, plantas, animais, e toda influência e interdependência entre eles. O aparecimento do homem, desde o não civilizado, já começou a

intervir no meio, com a necessidade de derrubar uma árvore, por exemplo, (para construir um local para se abrigar), e para caçar, (para o seu próprio meio de subsistência), isso foi apenas o início dessa colisão que transformou o espaço ao longo dos tempos.

Santos, (2004. p 28), apresenta essa “evolução” do espaço do homem, e as modificações que ocorreram na natureza desde os primórdios até os tempos atuais. Enfatizando certo “desconforto” que essas constantes mudanças impõem ao ser humano ao longo desse processo, isso implica em uma série de transformações no cotidiano da sociedade em geral, em meio aos avanços tecnológicos, que, do mesmo modo que desenvolve e inovam, também aliena o homem, tornando esse indivíduo alheio de seu meio, do seu trabalho e da própria terra onde vive.

E não é diferente com o espaço “geográfico” construído, transformado em produto de consumo através de atividades produtivas, que, a partir do momento em que deixa de ser uma prática de produção local (para atender as necessidades de subsistência do homem no meio onde vive), se transforma em especulação de mercado, (visando uma demanda em larga escala, chegando até mesmo ao mercado mundial), atendendo as necessidades econômicas e políticas e de mercado, através do avanço da ciência e da tecnologia.

O espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá. No começo era a natureza selvagem, formada por objetos naturais, que ao longo da história vão sendo substituídos por objetos fabricados, objetos técnicos, mecanizados e, depois, cibernéticos, fazendo com que a natureza artificial tenda a funcionar como uma máquina. Através da presença desses objetos técnicos: hidroelétricas, fábricas, fazendas modernas, portos, estradas de rodagem, estradas de ferro, cidades, o espaço é marcado por esses acréscimos, que lhe dão um conteúdo extremamente técnico. (SANTOS, 1978. P. 39).

No início, essas alterações eram quase imperceptíveis, uma vez que tudo que se removia da natureza servia somente para atender as principais necessidades de sobrevivência, termo conhecido como, “meios de existência”. Toda alteração efetuada na natureza é proveniente dos afazeres do homem. É por meio do trabalho que o homem é apto a arquitetar e ampliar tudo aquilo que é necessário à sua sobrevivência. O termo “trabalho” quer dizer todo empenho corporal e intelectual do ser humano com intuito de produzir alguma coisa benéfica a si mesmo ou a alguma pessoa.

Com o avanço da tecnologia, o homem criou uma cadeia de máquinas para facilitar o manejo dos elementos da natureza, instrumentos e aparelhamentos facilitaram a vida do homem e tornaram dinâmico o método de vantagem exclusiva de recursos, como os minerais, além do incremento de toda cultura agropecuária com a entrada dos avanços tecnológicos, no campo, como as máquinas que plantam, regam e colhem, entre outras.

O espaço torna-se cada vez diferenciado nas suas formas de uso e ocupação, este com o evoluir do processo de reprodução social, ganha em suas variadas formas, valor de uso que veem a contribuir com um aproveitamento do solo partindo do capital, portanto a formação sócio-espacial do mesmo pauta-se na distribuição da lógica capitalista e sua (re) produção parte do casamento entre capital e poder.

No campo, torna-se inevitável, a transformação do meio, com a produção agropecuária, pois a cobertura vegetal original deixa de existir, dando lugar a pasto e lavouras. Através dessas atividades decorrem outros conflitos na natureza como contaminação do solo e dos mananciais, poluição e mesmo erosões. O espaço geográfico é bastante atingido na extração mineral, sofrendo intensos impactos e modificando severamente toda acomodação espacial do ambiente que está sendo explorado.

Nas grandes cidades ou grandes centros urbanos essas mudanças são notadas facilmente, principalmente em edifícios modernos, essas modificações ocorrem em locais em que antes foi apenas um espaço inabitado e passou a ser local de moradias, incluindo também os espaços reservados a indústria e ao comércio. Sendo assim, por toda parte principalmente nas cidades e metrópoles sempre ocorrem transformações no espaço, onde serão percebidas em toda e qualquer atividade à cerca das construções ou reformas tanto nas residências quanto nos locais de trabalho, como comércios, entre outros.

Cada espaço, ainda que interligado a uma totalidade que se auto-constrói ao longo da história, tem sua especificidade vinculada ao entrecruzamento de tempos diferenciados. Nosso ponto de partida será o tempo presente, impresso na morfologia urbana da metrópole - uma morfologia que revela o entrecruzamento de momentos e, com isso, uma história humana como realização da vida no espaço e através dele. (CARLOS, 2007, p. 56)

Hoje notamos que a apropriação do espaço se dá nas formas de uso e desenvolvimento do trabalho do homem, que veem moldá-lo e transformá-lo de modo a atender as demandas exigidas, porém estamos num tempo em que se exige também uma conscientização na lógica de reprodução

espacial, onde os problemas ambientais acarretados pelas formas de uso impensado do ponto de vista de reutilização da matéria estão gerando malefícios e esgotamento das fontes de recursos antes considerada inesgotável. O que traz como consequência a necessidade de se pensar em políticas de reprodução espacial onde, se pense um conceito de Sustentabilidade eficaz e que atenda de forma a garantir uma renovação das muitas fontes oferecidas por esse primeiro espaço – o natural.

O ESPAÇO RURAL COMO ESPAÇO DE TRANSFORMAÇÃO

O espaço rural brasileiro passou por várias transformações desde sua conjuntura inicial à suas funções que permeiam a atualidade, e que foram de extrema importância para continuar desempenhando as funções tradicionais que servem como exemplo de permanências para atividades atuais, a exemplo das atividades produtivas de subsistência. Um meio disso na prática é o fornecimento de mão de obra e matéria prima para cidade, e que logo após esse processo de assistência, acaba sendo voltado, num ciclo, quando a população da zona rural consome produtos muitas vezes industrializados, obrigando cada vez mais atividades agrícolas diferenciadas, gerando assim, a modernização deste espaço de modo a garantir essa demanda que tende a se acentuar.

O espaço rural se caracteriza enquanto espaço diferenciado do urbano, por possuir funções diferentes, forma de organização e configuração voltadas à área agrícola, claro estando ligadas as formas de produção, que não se desvincula das propostas do mundo moderno.

Santos (2011, p.97) colocam o campo como um construção e (re)construção espacial a partir das necessidades implantadas e impostas num sistema de ações que visa a produção em massa, o que se vê hoje na atual conjuntura social e dos modos de produção. Para tanto:

[..]que o espaço rural como uma construção social, a partir das relações dos homens entre si e com a natureza, relações essas, que não se restringem simplesmente à visão de espaço rural como um apêndice das atividades agrícolas, e sim como uma construção social que vai além dessas atividades.

(SANTOS. 2011, p. 97)

Devido a estas modificações na estrutura do campo, a configuração do mesmo sofre algumas mudanças como o fluxo intenso de migração rural, é crescente o numero de pessoas que vão trabalhar e estudar nas cidades mais próximas, na busca de uma inserção no mercado e uma melhor qualidade de vida, muitos ainda tiram seu sustento das atividades agrícolas, mas grande parte já

residindo e desenvolvendo suas atividades cotidianas na cidade. Esses fatores desempenham uma total modificação nas estruturas materiais, pois se as atividades sociais mudam, geram como produto um reordenamento, ou, (re) produção do espaço, alterando assim as formas e funções do exercício da produção espacial do campo/cidade.

A articulação entre o campo e a cidade soergue mudanças nos elementos de suas paisagens, além da produção agrícola e da industrialização, existem novas atividades que devem ser identificadas para caracterizar o campo e suas relações com a cidade, como as redes. A presença de uma enorme diversidade de atividades decorre da ação dos pequenos, médios ou grandes produtores, que contribuem de forma significativa para a produção, estes mesmos, inseridos e produzidos pelo sistema financeiro, reafirmando a produção em prol de papel econômico. Marafon (2009, p. 329) afirma que:

O espaço rural torna-se fortemente marcado pelo conteúdo de técnica e capital, representado pelos complexos agroindustriais e pelo agronegócio, que correspondem ao espaço de produção agrícola, fruto da revolução verdade da modernização e da industrialização da agricultura.

Alguns sujeitos sociais integram e modificam o espaço de forma a moldá-lo em prol de suas atividades de inserção sistemática, como os grandes proprietários, que materializam o espaço rural, com seu trabalho, geram elementos e situações que tornam esse espaço bem complexo. Estruturando assim um desenvolvimento tecnológico que proporciona uma melhoria e expansão das vias de: comunicação, estradas, telefonias, e meios de transporte. Com isso o espaço rural além das atividades agrícolas, passa a fornecer inúmeras outras atividades.

Pensar o espaço rural atualmente é trabalhar com possibilidades, pois este espaço se destaca como fomentador, não apenas de matéria-prima, como se tinha a ideia por exemplo de um país como o Brasil, mais também com as ideias de produtor e ofertador de atividades, que ganham destaque no mundo globalizado, como por exemplo o turismo, atividades ecológicas, voltadas a preservação ambiental, o lazer etc.

O enredamento do espaço rural é decorrente das profundas transformações ocorridas recentemente e são responsáveis pela subordinação da zona rural aos interesses da cidade. Podemos confirmar tudo isso de acordo com Santos:

Com a globalização, a especialização agrícola baseada na ciência e na técnica inclui o campo modernizado em uma lógica competitiva que acelera a entrada da racionalidade em todos os aspectos da atividade produtiva, desde a reorganização do território aos modelos de intercâmbio e invade até mesmo as relações interpessoais. A participação no mundo da competitividade leva ao aprofundamento das novas relações técnicas e das novas relações capitalistas. Estas são à base da ampliação do modelo de cooperação e, portanto, da divisão social e territorial do trabalho, e este alargamento do contexto conduz a um novo aprofundamento do contexto, levando, também, as áreas correspondentes a um processo de racionalização cada vez mais intenso e com tendência a se instalar em todos os aspectos da vida. (SANTOS. 2006, p.206)

As fronteiras entre os estudos do espaço urbano e rural ficam cada vez mais difusas e complementares. Compreender esse espaço cada vez mais uniforme, como é a proposta da globalização e fragmentado, partindo da ideia de diferenciação para sua compreensão, não é uma tarefa fácil. Alguns fatores dentro das relações sociais apresentam-se como operacionalizadores deste processo, gerando assim, um espaço cada vez mais dinâmico na perspectiva de interação sócio-espacial e permeando em sua (re) produção mudanças contíguas e inerentes nas práticas deste processo, atendendo assim as demandas do sistema, claro caracterizando-o na lógica do capital.

PARA FINALIZAR, CONCLUIMOS

Compreender o espaço como percebemos não foi, e nem será fácil, portanto compreendemos que a evolução dos conceitos e seus amadurecimentos de acordo com as noções propostas em cada época se torna suficiente para responder as propostas vigentes. O espaço é o todo, nem singularmente representado, tampouco uniforme. Ele se configura na totalidade das relações, nas suas diferenciações, em seus aspectos heterogeneizantes e homogeneizadores e que por fim compõem as relações sociais e socialmente produzidas pelo homem, dentro da dialética, do espaço e do tempo, todo e tudo produto das relações do homem com a natureza.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORRÊA, Roberto Lobato. **Espaço: Um conceito-chave da Geografia**. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. (org.). Geografia: Conceitos e Temas. Rio de Janeiro (RJ): Bertrand Brasil, 2003. p.15 - 44.

CARLOS, Ana. Fani. Alessandri. **O Espaço Urbano: Novos Escritos sobre a Cidade**. São Paulo (SP): FFLCH, 2007.

SANTOS, José Antonio Lobo dos. **O CONCEITO DE ESPAÇO RURAL E AS POLÍTICAS DE GOVERNO NO BRASIL.** Disponível em: <http://www.geograficas.cfh.ufsc.br/arquivo/ed07/n07_art05.pdf> acesso em: 22 set 2012.

SANTOS, José Antonio Lobo. O conceito de espaço rural e as políticas de governo no Brasil. **Discentes Expressões Geográficas**, Florianópolis, s/v (não tinha volume), n. 07, ano VII, p.95-110, junho 2011.

SANTOS, Milton. **Pensando o Espaço do Homem.** 5ª Ed. São Paulo (SP): Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

_____. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção.** 4. Ed. São Paulo (SP): Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

_____. **Metamorfoses do Espaço Habitado.** 5ª Ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

_____. **Por uma Geografia Nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica.** 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 1986.

MARAFON, Gláucio José. Permanências e Mudanças no Campo: Uma Leitura Sobre as Transformações Recentes no Espaço Rural Fluminense. In Mendonça, F. Lowen-Sahr, C.L. Silva, Marcia. (Orgs.). **ESPAÇO e TEMPO: Complexidade e Desafios do Pensar e fazer Geográfico.** Curitiba, ADEMADAN, 2009. P.349-347.

MARQUES, Marta Medeiros. O Conceito do espaço rural em questão. **Terra Livre**, São Paulo, v.18, n.19, p.95-112, jul./dez.2002.